

Andar sem parar: as andanças de Maria Luiza Lacerda pelo teatro de bonecos

Júlia Sarraf

Cia. Papa Vento (Rio de Janeiro, Brasil)



Figura 1 – Maria Luiza Lacerda e boneca da peça *Andar sem Parar de Transformar*.
Fonte: Acervo familiar.

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034702232020086>

Resumo: Este artigo procura “ligar os pontos” da trajetória de Maria Luiza Lacerda no teatro de bonecos, entre memórias e documentos, de 1965 a 1989. A partir de entrevista e depoimentos da própria bonequeira e de algumas mulheres da família, o artigo procura homenageá-la por sua contribuição para o teatro de bonecos no Brasil. Da criação do grupo pioneiro de teatro de bonecos para festas infantis do Rio de Janeiro, *Fura Bolo*, ao grupo *Revisão* de experimentação em Teatro de Animação, Maria Luiza esteve presente e atuante no início da ABTB, experimentou linguagens e recursos inéditos e conviveu e criou com grandes nomes do teatro de bonecos no Brasil.

Palavras-chave: Teatro de Bonecos Brasileiro. Maria Luiza Lacerda. Mulheres no Teatro de Bonecos.

**Walking without stopping: Maria Luiza Lacerda's wanderings
through the puppet theater**

Abstract: This article seeks to “connect the dots” of Maria Luiza Lacerda’s trajectory in the puppet theater, between memories and documents, from 1965 to 1989. Based on interviews and testimonies by the puppeteer herself and some women in the family, the article seeks to honor her for her contribution to the puppet theater in Brazil. From the creation of the pioneering group of puppet theater for children’s parties in Rio de Janeiro, *Fura Bolo*, to the group *Revisão* of experimentation in animation theater, Maria Luiza was present and active at the beginning of ABTB, experimented new languages and resources and created with great names in the puppet theater in Brazil.

Keywords: Brazilian Puppet Theater. Maria Luiza Lacerda. Women in Puppet Theater.

O nascimento deste texto

Recebi o convite para escrever um artigo sobre minha avó, Maria Luiza Lacerda, para a Móin-Móin. A partir deste mergulho na história dela, passei a pensar também na minha condição-bonequeira e a me reconhecer ali. Bonequeiras, para mim, eram as que estavam nos palcos dos teatros e meu trabalho com bonecos sempre se deu em eventos, festas, praças e escolas. Hoje já são 15 anos de envolvimento com o universo dos bonecos, mas foi através deste convite que passei a sentir que pertencço à categoria das bonequeiras.

Minha avó, agora com 80 anos, é uma mulher vanguardista que foi muito importante para o teatro de bonecos no Brasil. Pedi para ela tentar lembrar e me contar as histórias da época. Pedi para mulheres da família escreverem relatos sobre ela. Recebi fotos, críticas e prêmios escaneados, e fui ligando os pontos.

Escrevo este texto para homenagear Maria Luiza Lacerda e manter viva uma parte da memória da história do teatro de bonecos no nosso país.



Figura 2 – Equipe da peça *Fantasia ou Realidade na música de Pink Floyd* (1975).
Fonte: Acervo familiar.

A história que conheço

Minha avó e sua cunhada, minha tia-avó Eny Lacerda Ribeiro, foram as primeiras da família a entrar neste universo dos bonecos. Aconteceu em 1965, quando minha avó tinha 25 anos e dois filhos pequenos. No total teria quatro, sendo minha mãe a terceira.

Tinham muitos sobrinhos na família e como éramos professoras de Jardim de Infância confeccionávamos com *papier maché* fantoches. Fazíamos o palco com uma caixa de papelão ou com um lençol e contávamos histórias para a 'sobrinhada'. (RIBEIRO, 2020)



Figura 3 – Bonecos do *Fura Bolo*. Fonte: Acervo familiar.



Figuras 4 –Eny e Maria Luiza com fantoches. Fonte: Acervo familiar.

O *Fura Bolo* foi o grupo pioneiro em teatro de bonecos para festas infantis no Rio de Janeiro. Claudia Lacerda, quarta filha de Maria Luiza, conta que “foi criado a princípio de forma amadora. O palco portátil foi criado pelo meu avô Augusto, os cenários pelo meu pai e os bonecos pela minha mãe e minha tia.” (LACERDA, Cláudia, 2020). É tão bonito pensar na família toda envolvida na criação deste teatro...



Figura 5 – Cartão de visita do *Fura Bolo*. Fonte: Acervo familiar.

Tudo que minha mãe e minha tia contam, parece que vivi, como um *déjà-vu*. Quando minha mãe engravidou da primeira filha (eu), minha avó sugeriu a criação de um grupo de teatro de bonecos para festas de aniversário, nos moldes do *Fura Bolo*. Foi assim, com a participação e colaboração dos familiares, que nasceu a *Papa Vento*, companhia na qual trabalho com minha mãe até hoje.



Figura 6 – Claudia e Cristiana no início do *Papa Vento*. Fonte: Acervo familiar.

Mas voltando ao *Fura Bolo*, a dupla de sócias funcionava muito bem: Maria Luiza criava as histórias e fazia os bonecos enquanto Eny cuidava do atendimento, da administração financeira e da logística das equipes. Ambas ensaiavam as atrizes e faziam algumas das muitas apresentações agendadas, dando voz e vida aos bonecos.



Figura 7 – Primeira equipe do Fura Bolo. Fonte: Acervo familiar.

Um ano depois de lançarem o *Fura Bolo*, participaram do 1º Festival de Teatro de Bonecos do Rio de Janeiro, no Teatro Carlos Werneck, no Aterro do Flamengo, em 1966. No ano seguinte participaram também do 2º e do 3º festival. No 2º festival minha avó estava no final de sua última gravidez, e conta:

No dia da nossa apresentação da peça *Maroquinhas Fru-Fru*, de Maria Clara Machado, comecei a ter contrações, mas fui assim mesmo. No final fui direto para a maternidade. Claudia quase que nasce no corredor do hospital. Quando era garotinha, ela tinha a voz esganiçada e a gente brincava que teria sido por causa da voz de boneco que eu fazia. Mais tarde essa garotinha veio a trabalhar como titeriteira e a se revelar uma verdadeira artista na confecção de bonecos. (LACERDA, M., 2020)



Figura 8 – Plateia do 1º Festival de Teatro de Bonecos no Teatro Carlos Werneck (1966).
Fonte: Acervo familiar.



Figura 9 – Panfleto 3º Festival de Teatro de Bonecos no Teatro Carlos Werneck (1967).
Fonte: Acervo familiar.

Em março de 1968, Willy Lacerda, meu avô, ganhou uma bolsa de estudos para um mestrado em Berkeley, nos Estados Unidos, e levou toda a família. Minha avó cuidava dos quatro filhos, mas conseguiu fazer cursos de história da arte e aprender tecelagem e cerâmica.

Minha mãe, menina católica que cresceu para ser professora, casar e servir o marido, casou, foi professora e teve quatro filhos, mas serviu a si mesma, em uma busca constante. Tudo começou quando mudamos para Berkeley nos anos 70. O mundo estava mudando e lá estava ela, longe da família. Ali sua cabeça começou a abrir e não parou mais. (LACERDA, Cristiana, 2020)

Imagino meus avós nos Estados Unidos com aquela atmosfera de protestos e reivindicações. Nesta mesma época a ditadura militar brasileira estava no auge. A rebelião estudantil americana de 1968 originou os movimentos de contracultura, operário e *Black Power*. Iniciou-se também uma “segunda onda” de feminismo e um novo movimento pelos direitos dos gays. Em 1969 rolou o famoso festival *Woodstock*. Minha avó comenta:

Na Universidade de Berkeley, fiz um curso de história da política na América Latina, onde se falava abertamente de toda a tortura que acontecia no Brasil. Fui saber mais sobre a ditadura militar fora do Brasil do que dentro dele. Particpei de movimentos feministas que aconteciam no campus. Devorei *A Mística Feminina*, abrindo meus

olhos para a questão da mulher. Fiz várias reuniões lá em casa para brasileiras. Além disso, participava das passeatas na Universidade. (LACERDA, M., 2020)

Eles voltaram para o Brasil no final de 1971. Durante estes quase quatro anos, Eny Lacerda ficou no Rio, à frente do *Fura Bolo*. Com o passar dos anos, o grupo só cresceu. Entre as atrizes estavam Cristiana e Claudia Lacerda.

A história que passei a conhecer

Assim que voltou dos Estados Unidos, em 1971, Maria Luiza conheceu Chico Aleixo, que viria a ser um grande parceiro em suas criações. Ela conta:

O Chico veio de Minas Gerais. Tinha alma de artista. Quando cheguei, ele estava morando como convidado na casa da minha mãe, até se estabilizar financeiramente, e ficou encantado com o trabalho do *Fura Bolo*. O convidei para ser meu assistente, montamos atelier num apartamento da Rua Real Grandeza e ele cuidou da parte de bonecos e montagem de todas as minhas peças (inclusive do *Fura Bolo*), até a penúltima, quando faleceu do coração. Chico foi um dos maiores amigos que tive na vida, viajou comigo para todos os festivais. A partir daí quem assumiu a confecção de bonecos do *Fura Bolo* foi minha filha Claudia. (LACERDA, M., 2020)

Em 1973, Maria Luiza criou, com Magda Modesto, a *Experiência Integrada de Comunicação Orgânica*, uma junção de teatro de bonecos com educação. Com esse método, ensinava inglês com bonecos na escola Toca do Coelhoinho, na Gávea, como conta:

Fiquei dois anos ensinando com esse método. Os pais vinham assistir e as crianças amavam. Falavam inglês sem perceber, porque os bonecos só falavam e só entendiam inglês. Magda Modesto foi uma das maiores figuras que conheci no teatro de bonecos, e também uma grande amiga. (LACERDA, M., 2020)

Neste mesmo ano foi fundada a Associação Brasileira de Teatro de Bonecos, a ABTB. Sobre isso, ela diz:

Fomos pro apartamento da Clorys Daly, em Copacabana. A convite dela, Virginia Vale, Oscar Bellan, eu e muitos outros, fundamos a ABTB. A Clorys já tinha viajado e tido contato com a UNIMA (União Internacional de Marionetistas), então ela teve vontade de reunir os bonequeiros brasileiros. Eu gostava muito de trabalhar para a ABTB, falar com as pessoas, chamar para as reuniões, discutir projetos. E foi difícil, nós fomos abrindo caminho. Conheci grandes amigos de outros grupos, excelentes bonequeiros como Fernando Augusto, Manoel Kobachuk, Lucia Coelho, Ana Maria Amaral, Ilo Krugli e Antônio Carlos Sena, e muitos outros.

Os espaços começaram a se abrir com Orlando Miranda, que foi diretor do SNT (Serviço Nacional de Teatro) e Humberto Braga, um empreendedor nato, que trabalhou numa peça minha e se tornou um grande amigo. Eles deram muita importância e força ao teatro de bonecos brasileiro. Foi por causa deles que começamos a conseguir os festivais e espaços para trabalhar. (LACERDA, M., 2020)

Em 1974 veio o primeiro prêmio da minha avó: ganhou o Concurso Nacional de Textos para Teatro Infantil do Teatro Guaíra, do Paraná. O prêmio consistia na publicação do seu texto, a peça *Andar Sem Parar de Transformar*.

No ano seguinte, 1975, fundou o *Grupo Revisão*, um grupo de teatro experimental, com o intuito de pesquisar a linguagem das formas animadas. Sobre a criação do *Revisão*, Cristiana diz:

Sua necessidade de expandir não coube naquela pequena empanada do *Fura Bolo*. Fundou o grupo *Revisão* e foi nesse grupo que se entregou e se aprofundou em sua busca. Minha mãe era assim, concebia na inspiração e depois mergulhava no processo com seu grupo e realizava, concretizava.

Uma mulher forte, de olhos vibrantes quando falava de suas ideias, uma voz clara a se colocar na política e nos movimentos que acreditava. Ajudou muitas mulheres criando oportunidades para terem independência, inclusive eu. (LACERDA, Cristiana, 2020)

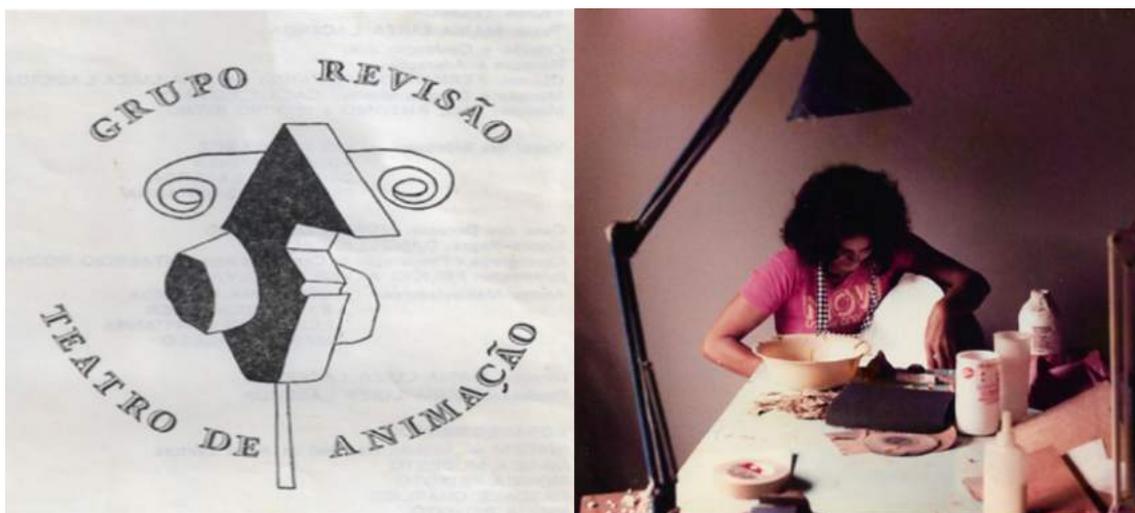


Figura 10 e 11 – (esq.): Logo do grupo *Revisão*. (dir.): Maria Luiza fazendo bonecos.
Fonte: Acervo familiar.

No grupo *Revisão*, Maria Luiza atuava principalmente como dramaturga, diretora e produtora, mas, como sabemos que acontece com os grupos de teatro, transitou por quase todas as outras funções também: titeriteira, adrecista, iluminadora, confecção de bonecos e montagem. Lendo uma matéria de jornal

escrita por ela em 1976, descubro que essa é uma particularidade do teatro nos países em desenvolvimento. A matéria será retomada mais adiante, mas já destaco esse ponto aqui:

A estrutura dessas equipes [de teatro de bonecos na Rússia] difere bastante da nossa, onde todo mundo faz de tudo um pouco. Lá, o manipulador é só manipulador, o costureiro só costura, e assim por diante (...). Apesar dessa divisão de trabalho, o resultado final é bastante integrado.¹ (LEVI, 1976a, p. 9)

A peça de estreia do grupo *Revisão* foi *Fantasia ou Realidade na Música de Pink Floyd*, no IV Festival de Teatro de Bonecos, em Curitiba. Logo em seguida fizeram temporada no Rio de Janeiro, no Teatro Divina Providência. Maria Luiza diz que “os críticos de teatro daquela época, como Clóvis Levi e Ana Maria Machado, começaram a dar uma força incrível pro teatro de bonecos.” (LACERDA, M., 2020)



Figura 12 – Equipe da peça *Fantasia ou Realidade*, 1975. Fonte: Acervo familiar.

¹ Trecho do artigo escrito por Maria Luiza para o jornal O Globo, publicado em três partes na coluna de Clóvis Levi (1976).

Fantasia ou Realidade foi criado, dirigido e produzido por Maria Luiza e tinha como titeriteiros Maria Cristina Gatti, João Moita, Cristina Rego Monteiro, Carmem Lúcia Guimarães, Iramar Penteado, Chico Aleixo e a própria Maria Luiza. A iluminação era feita por Luiz Paulo Peixoto. A montagem e sonoplastia por Chico Aleixo.

Já nesta primeira montagem, o grupo *Revisão* recebeu críticas bastante positivas. Claudia Lacerda comenta que “era uma coisa totalmente nova no cenário cultural carioca. Lembro bem da atmosfera, dos ensaios em casa, dos bonecos, da música... era muito mágico.” (LACERDA, Cláudia, 2020)

Há uma forte carga de expressividade, há qualidade artesanal, há conteúdo, beleza e comunhão entre plateia e palco. Quantos serão os espetáculos em cartaz no teatro carioca (adulto ou infantil) que mereçam tais qualificativos? (LEVI, 1975, p. 7)

Em 1976 estrearam *Andar Sem Parar de Transformar* no V Festival de Bonecos, em Pernambuco, e depois entraram em cartaz no Rio de Janeiro, no MAM (Museu de Arte Moderna). A montagem e os bonecos foram feitos por Chico Aleixo e Maria Luiza, que também assinou a criação e a direção da peça. Desta vez os titeriteiros foram João Moita, Luiz Claudio Varella, Eneida Parreira, Mônica Mallet Soares, Gilda Penafiel, Maria de Fatima e Humberto Braga. Mais uma vez a peça foi muito bem recebida.

(...) é um espetáculo que prova como é possível apresentar uma montagem teatral de alto nível com poucos recursos financeiros. (...) Todo apoiado na expressividade das mãos que se movimentam, se vestem sem se esconder e desenvolvem o enredo, é capaz de despertar nas crianças a consciência do que é possível criar com os movimentos de suas próprias mãos (...). Graças a um profundo respeito à inteligência da criança e a uma inegável sensibilidade poética, o espetáculo sabe dosar (...) simplicidade e abstração, atingindo um equilíbrio que o coloca à altura da criança. (MACHADO, 1976)

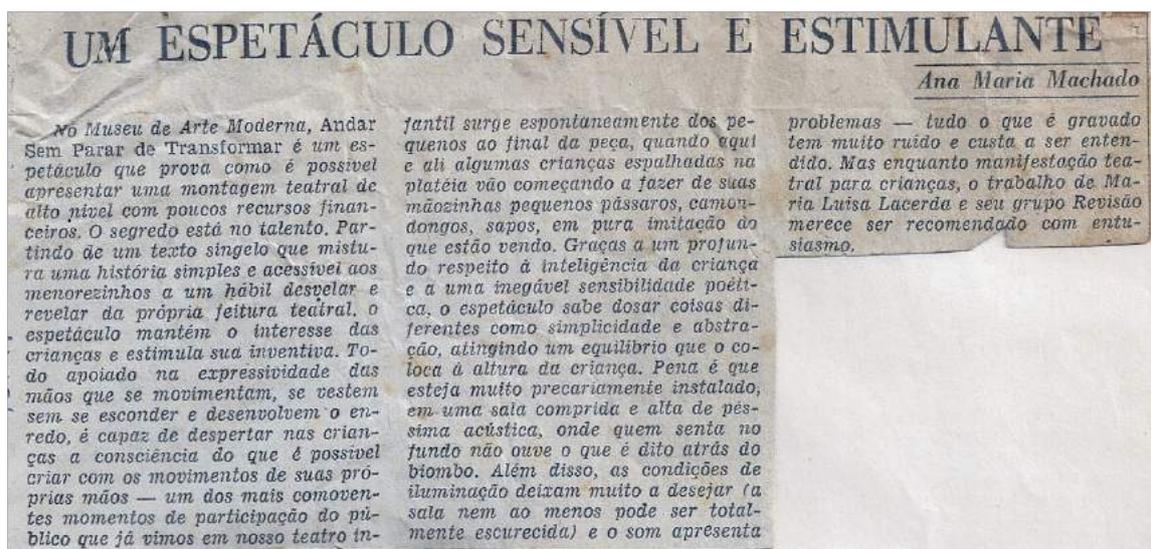


Figura 13 – Crítica de Ana Maria Machado sobre *Andar sem Parar* para o *Jornal do Brasil* (1976). Fonte: Recorte do arquivo pessoal de Maria Luiza Lacerda.



Figura 14 e 15 – (acima): Maria de Fatima e Eneida Parreira. (abaixo): Gilda Penafiel e Humberto Braga. Peça *Andar sem Parar de Transformar*, 1976. Fonte: Acervo familiar.

Com esta peça, ganharam, no mesmo ano de 1976, o prêmio SNT (Serviço Nacional do Teatro) de Melhores Espetáculos do Teatro Infantil, no Rio de Janeiro. E que ano frutífero! Entre maio e junho, Maria Luiza e Chico Aleixo foram para o XII Festival Internacional de Bonecos, em Moscou. Além deles, havia mais alguns brasileiros: Ana Maria Amaral e Clorys Daly com seu grupo. Clorys Daly conseguiu, na ocasião, inserir o Brasil na UNIMA, algo de grande importância histórica para nosso país.

Maria Luiza foi convidada a escrever um relatório da viagem para o Jornal do Brasil, onde contou um pouco da experiência e das percepções que teve.

A União Soviética conta com mais de cem teatros de bonecos profissionais. (...) Deste total, 65 dispõem de locais próprios, com palco e sala de espetáculos. (...) são subvencionados pelo Estado, alguns com quase 50 pessoas na equipe de trabalho. (...) A diversidade dos meios de expressão no teatro de bonecos é algo de inesgotável, suas propriedades educativas e recreativas algo de inestimável, (...) (...) há muito mais ainda o que pensar e fazer nessa nossa (...) terra [Brasil], tão cheia de contrastes em tudo (...). (...) precisamos (...) nos unir com urgência para darmos uma posição ao Brasil no exterior. (...) Tornemos esta estrutura [ABTB] mais forte, para que ela possa defender o nosso teatro de bonecos (...). [apelo] ao Governo, às pessoas que podem de algum modo, criar condições (...) para que o teatro de bonecos brasileiro tenha como se desenvolver. (...) (LEVI, 1976a, 1976b, 1976c)

Percebo a vontade que Maria Luiza estava de partir para a ação, de levar o teatro de bonecos no Brasil para outro patamar e de criar/explorar novas linguagens. Não só ela, mas todos que estavam comprometidos na época com a ABTB. Em julho de 1976, o *Revisão* se apresentou no V Festival de Teatro de Bonecos de Ouro Preto e depois no Festival de Teatro Infantil de Curitiba.

Em janeiro de 1977 participaram do 6º Festival Brasileiro de Teatro de Bonecos em Brasília. Em 1977 e 1978, Maria Luiza foi, também, jurada do Prêmio Maria Mazzetti, da RIOARTE. Em 1978 fez a coordenação geral do VII Festival de Teatro de Bonecos e do IV Congresso da ABTB, em Petrópolis. O Festival trouxe para o Brasil cinco grupos internacionais, que se apresentaram lado a lado com grupos nacionais. Houve também uma série de oficinas ministradas por artistas brasileiros e estrangeiros. Ainda neste ano, ganhou o

prêmio de publicação no 1º Concurso de Textos para Teatro de Bonecos do SNT, com a peça *Mulher, Mulher*.

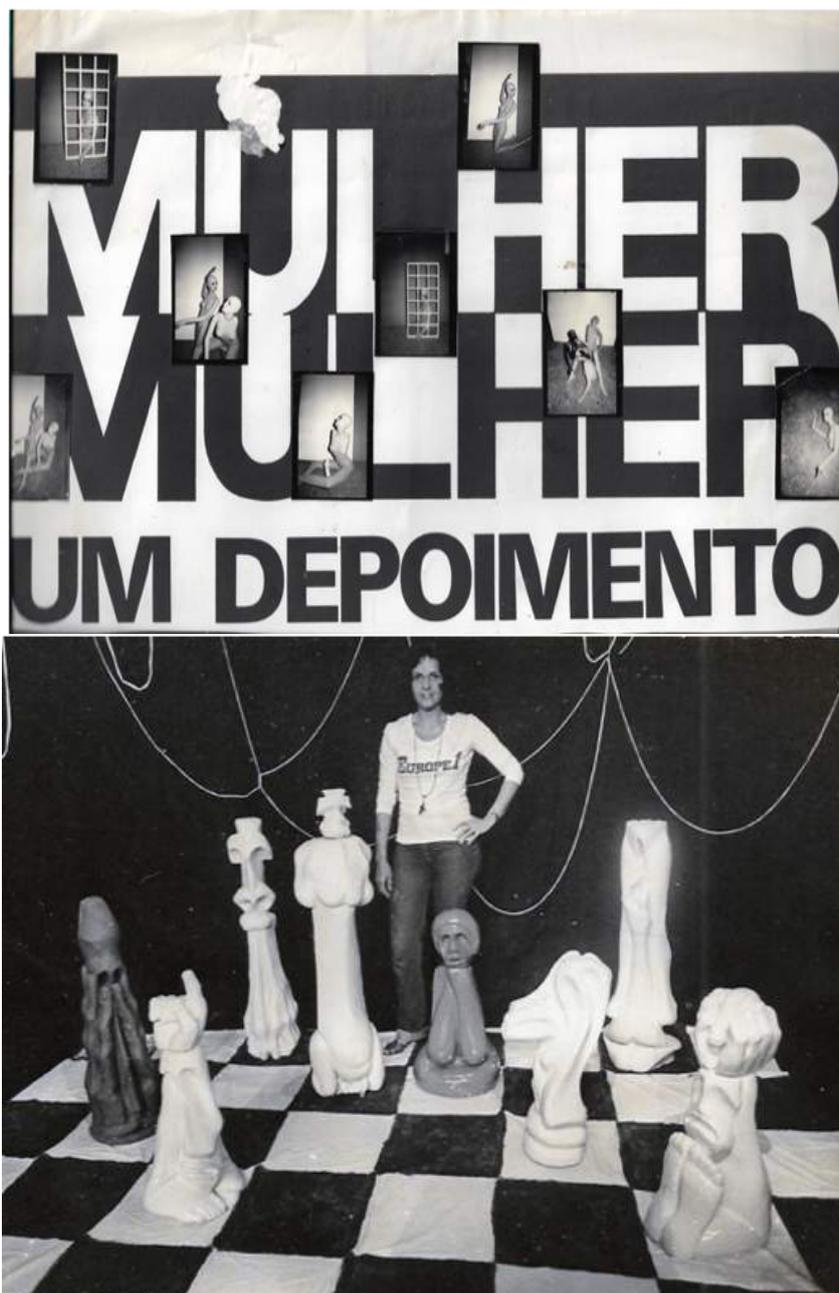
Em janeiro de 1979 o *Grupo Revisão* estreou a montagem *Quatro Cenas* no VIII Festival de Teatro de Bonecos de Ouro Preto. De outubro a dezembro fizeram temporada na Sala Monteiro Lobato, no Rio de Janeiro. A peça foi criada, dirigida e produzida por Maria Luiza Lacerda, os adereços cênicos foram feitos por ela e Rose Blanche, a montagem ficou por conta de Rubem Carvalho Silva (Cauê) e os titeriteiros foram Tereza Ferreira, Cauê, Cristina Magdaleno e a própria Maria Luiza. O espetáculo explorava arquétipos, um deles, uma mulher. Na época, ela escreveu:

(...) o boneco não se torna o personagem (...). Ele já é. (...) Pode-se presenciar então a representação do conflito do homem com seu papel social, o que leva a plateia a se distanciar com respeito a ela mesma, podendo se criticar e, algumas vezes, rir de sua própria farsa. (LACERDA, M., 1979)



Figuras 16, 17 e 18 – Bonecos da peça *Quatro Cenas*. Fonte: Acervo familiar.

Depois de *Quatro Cenas*, veio a montagem de *Mulher, Mulher*. Tiveram total apoio do SNT, que colocou o Teatro Aurimar Rocha à disposição para ensaios e confecção dos adereços cênicos. A peça ficou em cartaz neste mesmo teatro no final de 1980. Ela diz: “A peça *Mulher, Mulher* eu escrevi e dirigi. Foi um período em que passava por um divórcio, e escrever sobre a mulher significava muito para mim. Revi toda a minha questão feminina.” (LACERDA, M., 2020)



Figuras 19 e 20 – (acima): Cartaz da peça *Mulher, Mulher*. (abaixo): Maria Luiza no cenário de *Mulher, Mulher*. Fonte: Acervo familiar.

Meus avós, após 20 anos juntos, se divorciaram neste período, ficaram 26 anos separados e voltaram a se casar há mais de 10 anos. Em um trecho do programa da peça *Mulher, Mulher*, se lê:

(...) É um depoimento da autora como mulher, num processo de liberação. Tenta colocar o problema no enfoque de uma busca total de si mesma, tentando quebrar uma pesada carga cultural, preconceitos e estereótipos antigos dentro de sua própria estrutura. Entende que a

luta não se passa só no campo exterior, mas tem que ser vivida de dentro para fora. (...) (LACERDA, M., 1980)



Figura 21 – Imagens que integravam o programa da peça *Mulher, Mulher*.
Fonte: Acervo familiar.

Em 1981, Maria Luiza foi eleita Assessora Internacional da ABTB.

A ABTB sempre foi uma paixão pra mim. Trabalhei muito lá. Teve uma época que as reuniões eram na minha casa. Era uma vontade muito grande que o teatro de bonecos alcançasse mais espaços, fosse respeitado, falado e levado do Brasil para fora. (LACERDA, M., 2020)

Em 1982, Maria Luiza participou do XI Festival de Teatro de Bonecos e do II Congresso da ABTB, em Vitória. No Festival ministrou uma palestra sobre teatro em aniversários, relatando sua prática com o *Fura Bolo*. Neste mesmo ano fez uma exibição de bonecos no Museu do Teatro, no Rio de Janeiro.

Em 1982 e 1983, criou e realizou o projeto *Museu Animado*, com Manoel Kobachuk, Eugenio Santos e o músico Ronaldo Mota, durante todas as terças-feiras no Museu Nacional de Belas Artes. A calça de palhaço do figurino que usavam se transformava em empanada, criando cenas inspiradas nas obras de arte do museu. As crianças eram estimuladas a descobrir e questionar e passavam a ser agentes ativos da visita.



Figura 22 – Maria Luiza, Manoel e Eugenio no Museu. Fonte: Acervo familiar.

Em julho de 1983 Maria Luiza fez a assessoria internacional e organizou as reuniões da UNIMA no XII Festival de Teatro de Bonecos e do IX Congresso da ABTB, em São Luiz, Maranhão.

Em setembro de 1985 fez o curso *La Marionnette et l'Enfant*, no *Institut International de la Marionnette*, em Charleville-Mézières, na França. Deixou a sociedade do *Fura Bolo* com Eny Lacerda e passou a se dedicar apenas ao *Grupo Revisão*. Ainda neste ano, participou da Bienal do Livro, no Rio de Janeiro, com palhaços que apresentavam histórias com bonecos.



Figuras 23 e 24 – (acima): Maria Luiza em um exercício do Instituto. (abaixo): Maria Luiza no *Institut International de la Marionnette* com Olga Romero e Euclides Coelho de Souza.
Fonte: Acervo familiar.



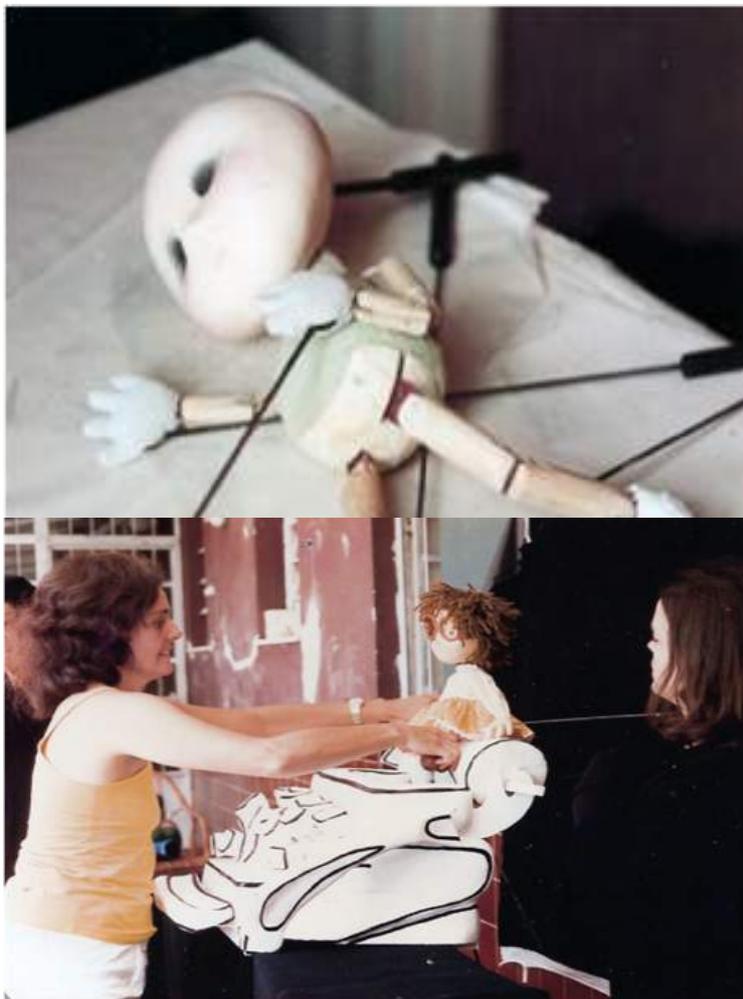
Figuras 25 e 26 – Participação na Bienal do Livro. Fonte: Acervo familiar.

Em 1986 ganhou o prêmio de dramaturgia para Teatro Infantil Maria Mazzetti com a peça *História Encontra Ponto*. A última peça de sua carreira foi escrita e dirigida por ela, e quem confeccionou os bonecos foi seu sobrinho Fernando Sant'Anna. Os titeriteiros eram Esther Bichucher, Marcio Macedo, Fernando Sant'Anna e Cristiana Lacerda. Ela fala:

A criação foi extremamente estimulante. Chamei o grupo pra morar comigo um tempo em Petrópolis no clima de ensaio o tempo todo. Acho esse trabalho o mais sensível da minha carreira. Foi encenado na técnica de teatro negro, chamada cortina de luz. Trabalhei também com diferentes escalas de boneco. A figura mais importante nesse trabalho foi o Fernando Sant'Anna, que fez os bonecos e resolveu todos os problemas técnicos. Foi meu braço direito.

A personagem Maricota saiu de dentro de mim. Eu me identificava muito com essa garotinha curiosa, e ver a minha filha Cristiana manipulando e sendo a voz dela foi uma das grandes alegrias que tive no teatro. (LACERDA, M., 2020)

De abril a julho do ano seguinte, 1987, fizeram temporada no Teatro Sesc Tijuca e ganharam o prêmio INACEM (Instituto Nacional de Artes Cênicas) de Melhores Espetáculos do Ano. Em junho se apresentaram também no XIV Festival de Teatro de Bonecos e no Primeiro Festival Rio de Teatro de Animação da ARTB, em Nova Friburgo.



Figuras 27 e 28– (acima): Construção de Maricota. (abaixo): Maria Luiza e a filha Cristiana em um ensaio. Fonte: Acervo familiar.



Figura 29 – Cena da peça *História Encontra Ponto*. Fonte: Acervo familiar.

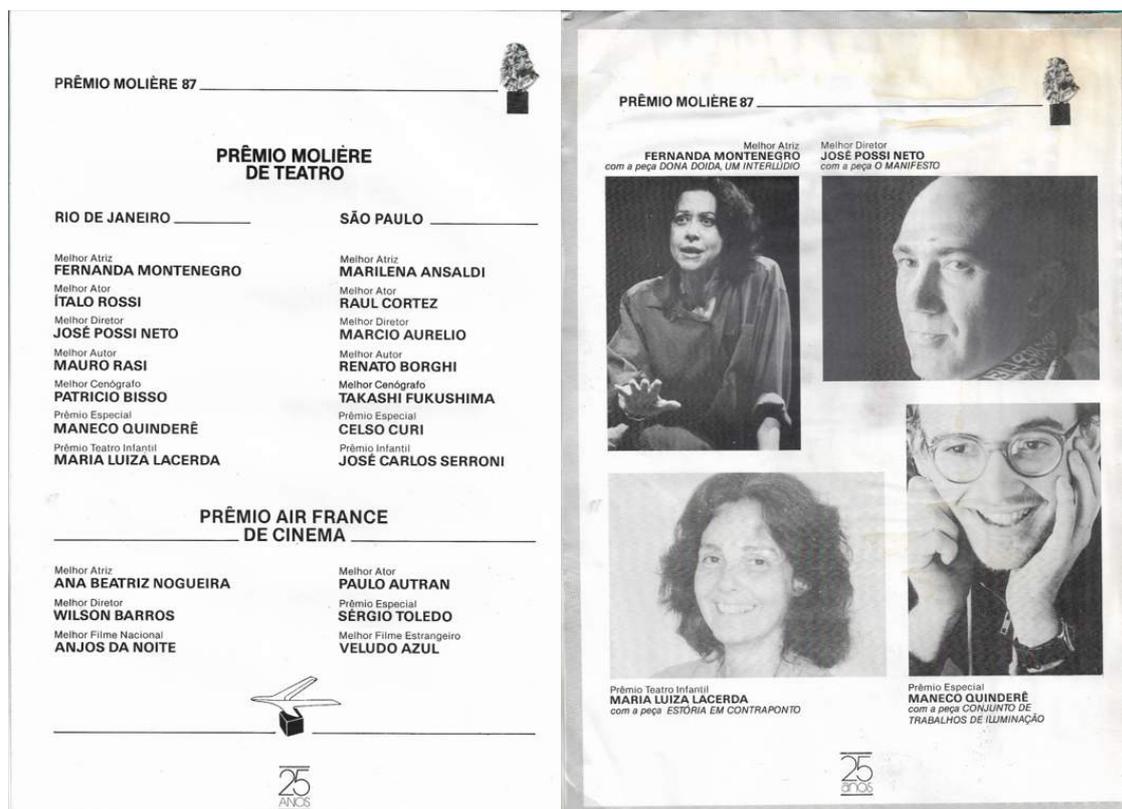
Sobre este período, minha mãe conta:

Ali eu finalmente pude experimentar fazer parte do grupo/segunda família da minha mãe, e ser dirigida pela mulher que tanto admiro e me inspiro. No fim da peça, em uma linda cena, Maricota encontra uma enorme boneca russa Babushka e vai abrindo uma por uma até encontrar o que tanto buscava: ela mesma. Ela, então, se abraça. Amor é a palavra. (LACERDA, Cristiana, 2020)

Ainda neste ano, Maria Luiza foi premiada com o Molière na categoria Teatro Infantil. Com o prêmio, foi para o Festival Internacional de Bonecos em Charleville-Mezières acompanhada de Fernando Sant'Anna e Claudia Lacerda.

Em junho, minha avó ganhou o prêmio Mambembe na categoria diretor pela *História Encontra Ponto* e em agosto a peça foi apresentada no 1º Festival Internacional de Bonecos, em Caxias do Sul.

Já no final de sua carreira no teatro de bonecos, em maio de 1990, Maria Luiza foi uma das palestrantes do 1º Encontro Nacional de Teatro de Animação, em São Paulo. Na ocasião escreveu um texto que foi lido para a plateia.



Figuras 30 e 31 – Programa do Molière, com os vencedores das categorias.
Fonte: Acervo familiar.

(...) Neste teatro [de animação] (...) O ator, mais do que nunca diretor, está presente agora, ele mesmo na cena, não representando algum personagem, mas sendo fiel a si próprio. (...) apresenta seu universo simbólico ao público, dramatizando situações da vida, (...) como se fosse uma criança brincando com seus brinquedos – retorno ao início do jogo teatral, já agora consciente. (...)

E assim como a criança que, na representação de seus medos, os domina, o homem, na sua micro representação de seu macro mundo, tenta compreendê-lo e acalma suas angústias frente ao desconhecido. E é assim também que estou aqui, frente a vocês, tentando organizar um pouco o caos dos meus conflitos, mas sempre percebendo que algo me escapa (...). (LACERDA, M., 1990)

Fazendo uma retrospectiva da carreira de Maria Luiza, sua filha Claudia diz:

Minha mãe foi uma figura que fez parte da história na consolidação de uma nova linguagem de Teatro de Bonecos no Brasil. Tanto com o *Fura Bolo*, num formato mais comercial, quanto na sua criação de peças autorais de bonecos e, além disto, na sua atuação na ABTB e na participação em Festivais Internacionais/organização de Festivais no Brasil, ajudou a colocar o boneco em um novo patamar, o de

linguagem artística autônoma, não só de entretenimento casual.
(LACERDA, Cláudia, 2020)

A história da qual faço parte

Depois de *História Encontra Ponto* minha avó parou de fazer teatro de bonecos para se dedicar à terapia floral e à astrologia. Abriu uma clínica de terapias que funcionou até 2005 em Petrópolis, onde se estabeleceu desde 1986 e vive até hoje, na companhia do marido Willy e da filha Claudia. Pedi que ela falasse dos motivos que a levaram a sair do teatro de bonecos, e ela escreveu:

A busca de uma maior consciência na minha vida, seja a nível físico, emocional, mental ou espiritual, se tornou meu objetivo maior. Morar na natureza, ter uma maior proximidade e conhecimento das flores, estudar, ter uma vida mais tranquila, ter mais tempo para pensar e me conectar comigo mesma. Na vida que levava no Rio de Janeiro, no trabalho com o teatro, eu não estava conseguindo isso. (LACERDA, M., 2020)

Ela ainda atende pacientes em sua casa e há alguns anos retomou o contato com a cerâmica, que tinha aprendido em Berkeley. Hoje tem seu próprio atelier, onde trabalha diariamente criando objetos e esculturas impressionantes de bichos, humanos e outros seres.

Fico desapontada ao perceber que muito do que Maria Luiza fala sobre o teatro de bonecos de sua época, parece permanecer igual, mais de 50 anos depois. Nosso país segue desvalorizando e desprezando constantemente a arte e os artistas. Aqui, artista passa a vida lutando para sobreviver. E se o artista já é um sobrevivente, o que dizer da mulher artista, então? Temos um longo caminho pela frente.

Olho para a história de Maria Luiza, essa mulher forte, e vejo quantas contribuições deixou, sua luta e envolvimento com o que a movia, como foi referência para tantas e tantos, quantas pessoas ajudou e ainda ajuda e como está sempre inquieta criando a próxima invenção. Esta é minha herança e espero com este texto ter deixado um pequeno registro desta parte da história do teatro de bonecos no Brasil.

Por último, deixo esta fala dela, que ilustra seu amor pelos bonecos:

A alegria de fazer teatro de boneco é impossível descrever. Inventar personagem, criar um mundo mágico e, como uma fada, conduzir

aqueles olhinhos que te fitam atentamente através de espaços inusitados, cheios de surpresas e esquisitices, espaços que não respeitam as leis da física, onde nada é o que parece e ao mesmo tempo tudo é verdadeiro. Saudades daquele tempo, saudades daquela alegria. (LACERDA, M., 2020)



Figura 32 – Maria Luiza Lacerda atualmente. Fonte: Acervo familiar.

Referências

LACERDA, Cláudia. Depoimento por escrito enviado a Júlia Sarraf, 29 jul. 2020.

LACERDA, Cristiana. Depoimento por escrito enviado a Júlia Sarraf, 26 jul. 2020.

LACERDA, Maria Luiza. Entrevista concedida a Júlia Sarraf via áudios e mensagens de texto pelo aplicativo *Whatsapp*, entre 09 jul. 2020 a 11 ago. 2020.

_____. Escritos sobre a peça *Quatro Cenas*, Acervo pessoal, 1979.

_____. Programa da peça *Mulher, Mulher*, 1980.

_____. Discurso feito para o 1º Encontro Nacional de Teatro de Animação em São Paulo, Acervo pessoal, 1990.

LEVI, Clóvis. *Festival Internacional de Teatro de Bonecos (I)*. Teatro Infantil – O Globo – Rio de Janeiro – 22 ago. 1976a, p. 9.

_____. *Festival Internacional de Teatro de Bonecos (II)*. Teatro Infantil – O Globo – Rio de Janeiro – 24 ago. 1976b, p. 34.

_____. *Festival Internacional de Teatro de Bonecos (Final)*. Teatro Infantil – O Globo – Rio de Janeiro – 26 ago. 1976c, p. 42.

_____. *Fantasia ou realidade na obra de Pink Floyd*. Teatro Infantil – O Globo – Rio de Janeiro – 01 jun. 1975, p. 7.

RIBEIRO, Eny Lacerda. Depoimento por escrito enviado a Júlia Sarraf, 30 jul. 2020.